

## Porque hesita ainda o presidente do ministério em mandar regressar os deportados?

O regresso dos deportados impõe-se; o regresso dos deportados tem de fazer-se para que uma grande iniquidade se não transforme num grande crime.

As deportações foram, a princípio, uma violência e uma condena vel violência; um abuso do poder, o abuso mais repugnante que até aqui se tem praticado. Veio depois o prolongamento dessa iniquidade e verificou-se que os nossos vaticínios tiveram uma confirmação bem triste e bem trágica: três dos deportados sucumbiram!

Desde que três deportados perderam a vida em consequência do clima, da má alimentação e de tóda a espécie de desconfortos, o problema assumiu um aspecto mais grave.

A princípio era uma iniquidade que era preciso reparar. Depois — depois desse trágico acontecimento — era um punhado de vidas que cumpria salvar.

O sr. Domingos quando se tratou da iniquidade disse que era preciso repará-la — e não a reparou. Agora que é necessário salvar um punhado de vidas o sr. Domingos Pereira ainda continuará hesitando. E' bom, é conveniente não se esquecer que a sua demora equivale a uma sentença de morte para todos os que foram ilegalmente enviados para África.

O sr. Domingos Pereira não tem o direito de manifestar a menor hesitação. Em primeiro lugar ordenando o regresso dos deportados, nada mais faz que cumprir o seu dever, visto que essa resolução está de acordo com todas as disposições legais. Só um governo de miseráveis salafários, um governo sinistro de repressão, em que a estupidez faça com o ódio torpe aliança, pratica actos como o realizado por Vitorino Godinho. E um governo que sancione esses actos fica sendo, forçosamente, um digno continuador do de Vitorino Guimarães.

Em segundo lugar, a grande massa trabalhadora do país é nitidamente contra as deportações.

Se por opinião pública se entende a opinião da maioria do país — a opinião pública é contrária às deportações, como já exuberantemente o afirmou.

E dessa opinião pública fazem parte as forças da inteligência e do espírito; muitos escritores, médicos, jornalistas, advogados e artistas.

E afinal no terreno político a falange que maior opinião desloca — a da Esquerda Democrática — é contraria a essa iniquidade das deportações, como várias vezes pela voz dos seus dirigentes o tem afirmado.

No banquete da Esquerda democrática antecipado realizado no Palácio do Cristal do Porto foi aprovado o envio do seguinte telegrama ao Chefe do Estado — telegrama que é um protesto bem fundamentado e concludente:

«Os republicanos democráticos, reunidos hoje em banquete de confraternização e solidariedade com os parlamentares irradados, têm a subida honra de saudar em v. ex.º o modelo de virtudes cívicas e o democrata de fé e energia raras. Toda a organização operária, que a República, não pode nem deve desconhecer, vem pedindo justiça no caso estranho das deportações sem julgamento. Não tem defesa o facto de a República cerrar os ouvidos a este apelo, a esta solicitação tanto mais de atender quanto se sabe que nessa organização há muitos homens que ajudaram a implantar a República e que têm contribuído para a sua consolidação, bateando-se por ela em riscos. Pedimos, portanto, a v. ex.º a sua valiosa intercedência junto do governo para fazer cessar tamanha iniquidade, promovendo dentro da sua alçada um julgamento regular e francamente legal. Bem sabemos que este pedido dará ensejo a sermos mais uma vez apodados de bolchevistas pelos nossos detractores. Mas isso não nos entuba no cumprimento do nosso dever, pugnando pela natureza da justiça da República. Também muitos republicanos da propaganda foram, tidos pela monarquia como anarquistas e alguns vultos eminentes estiveram prestes a seguir para Timor envolvidos nas malhas da fenebrosa lei de 13 de Fevereiro, como França Borges, por exemplo. Nem por isso deixaram de ser azares combatentes do nosso ideal e modelos de devoção pela República.»

Porque hesitará o sr. Domingos Pereira, sabendo que a sua hesitação equivale a uma sentença de morte lançada contra todos os deportados?

# A BATALHA



Editor: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluído o suplemento semanal,  
Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850;  
África Portuguesa, 6 meses 7000; Estrangeiro,  
5 meses 11000.

## Há homens que, intitulando-se representantes da raça negra, têm coragem de elogiar a obra colonizadora dos portugueses

Está em moda agora discutir-se o problema das colónias. Como pairam algumas nuvens ameaçadoras sobre o império colonial português, a grande imprensa toma as suas precauções.

Vai reuni-se em breve o II Congresso Internacional da Raça Negra, em Genebra. Aí acorrerão elementos negros de vários pontos de África e da América. Por isso a imprensa canta a ária sedutora do Portugal anti-esclavagista e protector da raça negra.

O *Seculo* apressou-se ontem a entrevistar o sr. Miguel Machado, membro do Partido Nacional Africano que partiu ontem para Genebra a fim de tomar parte no referido congresso.

O sr. Miguel Machado não podia ser mais infeliz na entrevista que concedeu, salvo se o *Seculo* lhe permitiu exprimir todo o seu pensamento. Um negro que tem o desplante de elogiar a obra colonizadora dos portugueses ou é cego e nunca viu o que se pratica em África ou atraíço conscientemente a verdade.

Cego não é o sr. Miguel Machado, que parece ser pessoa muito conhecida do sr. João de Castro, marechal do P. N. A., de cuja competência em assuntos coloniais nunca tivemos o prazer de tomar conhecimento.

Mas, como famos dizendo: cego não é o sr. Machado, porque soube ver e dizer que nas minas do Rand o negro é brutalizado e escravizado; que certas companhias estrangeiras, como a Incomati, trazem o preto sujeito às mais degradantes condições de trabalho. Verifica-se, pois, que o ilustre congressista vê até de mais, vê para lá das fronteiras da África portuguesa, para dentro das companhias estrangeiras — só não viu o que vêm os brancos leais, só não viu que nas colónias portuguesas ou simples ordem duma companhia, dum potente concessionário, se mandam arrancar aldeias!

Não estamos — repetimo-lo — mais

... a hora de proclamar, em nome não dum raça mas da humanidade ofendida, todas as grandes e dolorosas verdades — o sr. Miguel Machado, intitulando-se representante das colónias portuguesas, afirma no *Seculo* que iria levar ao conhecimento da Europa culta «que a obra de expansão civilizadora de Portugal, velha de séculos, é a única que prende os sentimentos dos povos africanos aos destinos da sua respectividade.

Ira, que é preciso ser de boa tempera! São estes depoimentos que dão ao tirano maior fôrça para esmagar o escravo. São negros desta espécie, mais cultos e que, portanto, por conhecimento a verdade, deviam ser mais rebeldes, que permitem a vergonha que vai por essa imprensa!

Bem anda o sr. Armando Cortezão em afirmar que não há escravatura nas colónias portuguesas. Se os escravos, ou descendentes dos escravos, por cobardia ou por cálculo, são os primeiros a elogiar a obra civilizadora dos portugueses...

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Coerência católica!

As conspicuas Novidades chamam «papel odioso» à atitude que temos assumido, revelando os abusos e crimes que certos padres têm praticado, servindo-se do domínio que exercem sobre populações ignorantes e adreçadas fanatizadas.

Não tem o jornal católico uma única palavra de reprovação para toda a espécie de baixezas, violências e desumidades que o padre Mesquita cometeu; nem stampou contra todos os padres que são venais e criminosos e cujas repugnantes façanhas nuns tempos, sem o menor exagero, sobravamente relatado.

O odioso de tudo isto não são os padres criminosos, somos nós, referindo o perigo moral e material que elas representam.

Dizem ainda as Novidades que os estamos metendo com a vida particular dos padres. Ficamos entendidos: da vida particular dos padres faz parte a violação de menores. E' esta a doutrina das Novidades — e por sinal que é coerente com o passado monstruoso do catolicismo.

Uma delinção exacta!

No banquete do Palácio Cristal o deputado Sá Pereira referiu-se, nestes termos, ao seu correligionário bonzo António Maria da Silva: «um homem existe que um dia afirmou encontrar-se o País a que. Temos vivido subiu ao poder e, em vez de moralizar os costumes, esquecendo-se da afirmação produzida, abriu os cofres públicos a lida a gente que quer vender.

Se não tivéssemos dito de quem se tratava, os leitores não deixariam de reconhecer, no admirável rátroto que deles traçou o seu correligionário Sá Pereira.

Uma comemoração

A Associação do Pessoal Maior dos Correios e Telégrafos comemora hoje o movimento telegrafo-postal de 1 de setembro de 1917. O programa das suas festas é suculento e dá para todos os paladares. Além dum concurso do dr. Agostinho Fortes, que é ateu, há missa a grande instrumental na igreja de São Julião, sufragando a alma de Santos Valente e Abílio Pinho. Termina a comemoração com um baile e não sabemos se haverá valsa a prémio. Se os pobres mortos soubessem que lhes reservava missa pela alma seriam capazes de ressuscitar para morrer novamente de vergonha...

Por falta de número...

Durante a madrugada de ontem esteve para rebentar mais uma revolução conservadora. Parece que não se realizou por falta de número, como as sessões do Parlamento... Entretanto, não será demais o povo andar de ônibus à noite, não vá por acaso haver número em algum dos dias próximos e, connosco distraídos, os cavalheiros saem fora do regimento...

Um paradoxo

A polícia apreendeu em casa do sr. Chirigo, um dos figurantes da dolorosa farça de 18 de abril, que se encontra actualmente no Limeiro, um número considerável de explosivos. Sobretudo havia por lá muito material para bombas. Fizemos este facto, não porque nos moveu qualquer ódio pessoal contra o sr. Chirigo, mas por acharmos bem curioso esse achado em casa dum homem que entrou numa revolução que se propunha acabar com as bombas e bombas. De caminho fazemos votos por que o sr. Chirigo não vá parar à Guiné. Estão lá muitos só por suspeita...

Um luxo...

No Governo Civil estão-se fazendo obras, Nos calabouços, que são a vergonha dum país civilizado, soturnos, anti-higiénicos, plenos de parasitas e de humidade? Não, As obras de remodelação são nos quartos feito a favor dos deportados

## PERSEGUÍÇÕES

### Na presidência da República

As famílias dos operários deportados na Guiné e em Cabo Verde foram ontem ao palácio de Belém, a fim de exporem ao presidente da República a ilegal situação daquelas, e os perigos a que estão votados se o seu regresso não for ordenado imediatamente, como é de inteira justiça.

Recebeu-as o secretário da presidência, sr. Jaime Afias, que atenciosamente tomou conta de quanto pretendiam as famílias dos deportados tornar conhecido do presidente, prometendo comunicar-lhe e interessar-se pelo próprio por que ao governo fosse dado pleno conhecimento da injustiça que se está cometendo.

— Amanhã, às 13 horas, devem as famílias dos deportados reunir-se na calçada do Combro, 38-A, 2.º, para serem tratados assuntos que lhes interessam.

Secção da Charneca do S. U. da C. Civil

Reuniu-se em assembleia geral, em 28 do passado mês, tendo protestado contra as prisões de operários, há mais de 80 dias sem culpa formada, contra os espacamentos e as deportações ilegalmente feitas, reclamando o imediato regresso à metrópole dos deportados.

«Ainda há pena de morte em Portugal»

E' amanhã, pelas 21 horas, que o dr. sr. Mário Monteiro realiza a sua conferência subordinada a este tema.

A comissão Pró-Presos da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, que a promove, convida o operariado em geral a assistir.

Secção de Esmaltagem do S. U. Metalúrgico do Porto

Em assembleia magna desta secção profissional foi aprovada uma moção com as resoluções seguintes:

1.º — Manifestar a sua carinhosa simpatia e solidariedade para com os deportados;

2.º — Dar a sua franca adesão a todos os movimentos que a organização operária promova a favor do regresso e libertação dos presos sociais;

3.º — Saudar o órgão *A Batalha* pela noite e altruísta campanha que sempre tem feito a favor dos deportados

## Os militantes revolucionários em França lutam contra a infame guerra de Marrocos

Tem sido notável em França a actividade dos militantes revolucionários contra a guerra de Marrocos. Já na imprensa, já na tribuna, os ataques ao imperialismo francês sucedem-se. A acção junto do exército tem sido formidável, por isso também as perseguições têm sido grandes. Constantemente publicamos telegramas dando notícia da prisão de militantes revolucionários, alguns deles categorizados por protestarem contra o adversário.

No princípio da sangrenta campanha marroquina, o partido comunista agrupou em volta de si um comitê de acção das organizações que lhe são fieis, com o fim definido de sustentar Abd-el-Krim.

Porém, algumas organizações, considerando que sustentar Abd-el-Krim não é fazer campanha anti-militarista agruparam-se à parte. Nenhum ditador, quer guerrir por trono, quer pela presidência duma república é digno do apoio dos revolucionários.

As agremiações revolucionárias que vêm lutando denodadamente contra a guerra em harmonia com os princípios anti-militaristas são: o Sindicato Único da Construção Civil, União Anarquista, Federação da Construção Civil, Juventude Anarquista, Liga dos Refractários, Sindicato dos Terra-plantadores. Grupo das Edições Anarquistas, bem como diversos grupos italianos e espanhóis. Estas agremiações constituem um Comitê de Ação Revolucionária, não com a ideia de prejudicar o comitê comunista, nem de dividir perante a guerra a classe operária, mas para, ao seu lado, declarar aos trabalhadores que, adversários da guerra, não podem sustentar nenhum dos beligerantes.

O Comitê de Ação Revolucionária já realizou algumas sessões públicas, distribuindo panfletos, estando alguns dos seus membros presos, como Hoche Murant, Filliol e Michel.

A pesar disso o Comitê continua a sua campanha, chamando a atenção do povo para os assassinatos cometidos em Marrocos e fazendo-lhe ver que só a voz dos explorados poderá fazer recuar o monstro guerreiro.

## A atitude da Federação Marítima perante a C. G. T.

Acompanhada do pedido de publicação recebemos a seguinte carta que passamos a reproduzir:

Camarada redactor. — Tendo acompanhado pelo jornal *A Batalha* e pelo *Marítimo*, órgão da Federação Marítima, a resolução tomada por esta última contra a C. G. T., não podia deixar como marítimo sindicado de comentar a atitude de alguns militantes.

O procedimento do presidente do meu sindicato é abominável. No dia 30 de Julho p. p. numa assembleia geral dos frateiros foi apresentada uma proposta da autoria de Henrique da Silva para que o presidente da direcção, António Dias Tavares, ficasse com a representação do seu organismo na Federação Marítima. Este escusou-se insistentemente a aceitar o cargo, sendo então nomeados delegados Tertuliano Bentes Ribeiro e João Hungria mais tarde substituído por Manuel Pereira Ramilo.

Não podia ficar silencioso ao ter conhecimento de que Dias Tavares no dia em que iam ser cortadas relações com a C. G. T., foi chamado pelo telefone para comparecer na Federação Marítima. E lá compareceu só para ter o prazer de fazer um ataque cerrado à C. G. T.

O último número do *Marítimo* trazia um artigo de Tavares, no qual afirmava que a sua classe lhe dera plenos poderes para resolver a atitude a tomar sobre a C. G. T., visto as assembleias geral realizadas o habitualmente pronunciarem-se nesse sentido.

Ora em nenhuma das assembleias realizadas se tomou qualquer deliberação que autorizasse Tavares a falar como falou e a proceder como procedeu. Até hoje o presidente ainda não teve a oportunidade de convocar uma assembleia geral para expor as razões por que se deu o rompimento com a Setúbal operária.

Tavares decretou já não se recorda de, em Março de 1924, ter feito a apologia da C. G. T. induzindo a classe a dar-lhe a sua adesão, afirmando que em caso contrário renunciaria ao cargo.

Provavelmente já não se recorda que, quando devido à sua irredutibilidade o Sindicato dos Frateiros foi irradiado da Federação Marítima, foi a C. G. T. quem serviu de mediador para arrumar essa questão com honra para ambas as partes em 18 de Outubro de 1924, um dia antes do Congresso Marítimo. Dessa vez concordou com a acção dos que pontificavam na C. G. T.

Ouviu muitas vezes, depois disso, dizer ao Tavares que os elementos da C. G. T. são «menores» que vivem à custa dos sindicatos, o que não deve não teme, assinei o auto. Aqui tem com toda a simplicidade, o fragil alicerçado sobre que assenta a acusação de agitador perigoso feita no seu jor-

nal.

Também

## Na Penitenciária de Coimbra

### É horroroso o regime prisional imposto aos condenados

COIMBRA, 30.—O que se passa na Penitenciária de Coimbra, é tudo quanto há de mais revoltante e desumano.

Entre muitos factos a inumerar, que chamam a atenção dos poderes públicos, passamos a resumir os que se nos afiguram mais graves.

A Penitenciária de Coimbra, que, até 1923, esteve dada por incapaz de receber condenados a prisão maior, recebendo apenas presos em prisão preventiva e correccional, porque a sua insalubridade, falta de higiene e condições, não se adequavam ao moderno regime prisional, foi, ultimamente, não sabendo porque, carga de água, dada apta para ali receber condenados a prisão maior, por decreto do então ministro da Justiça, dr. Aranha Ferrão.

Não é difícil adivinhar, as razões que determinaram a publicação deste decreto, basta que se diga, que, em 1923, um Tribunal foi constituído apenas para absolver os principais responsáveis dos acontecimentos de 19 de Outubro, condenando-se meia dúzia de infelizes, porque era necessário, segundo o próprio tribunal declarou, dar uma satisfação ao país e às famílias das vítimas.

Sendo presidente do Ministério o sr. António Maria da Silva, tratou-se de reunir o Conselho de Ministros, para resolver o destino a dar aos condenados.

O decreto que mandou abrir a Penitenciária de Coimbra, determina que, temporariamente e a título provisório, a cadeia da Penitenciária de Coimbra, que então funcionava como casa correccional de trabalho, seja destinada a recolher os presos condenados a prisão maior tornando-se extensivas todas as leis e regulamentos disciplinares em vigor para a Cadeia Nacional de Lisboa. A verdade é que na Penitenciária de Coimbra, não se cumprem as leis, visto que aos desgraçados ali internados só falta pôr a máscara no rosto, para se voltar ao antigo regime. Ocorre-nos dizer que este facto não é muito de estranhar, porquanto o director daquela prisão, dr. sr. Miranda, e seus apañados, Amaro Bento, Tringueiros João Gândara e outros, são os mesmos de outros tempos.

Estes cavalheiros, não esquecendo a sua profissão dos tempos antigos, adoptaram processos condonáveis, para com os infelizes, que, manietados pela rigorosa disciplina não podem defender-se. A cadeia, é um fóco de infecções onde lava com grande intensidade a tuberculose, devido a não haver uma enfermaria para o tratamento conveniente dos pobres doentes, não se isolando aqueles que em grau bastante adiantado de doença, facilmente a propagam aqueles que ainda têm alguma saúde. Vai ali um médico, apenas por dever de ofício, mas pouco zeloso no cumprimento da sua missão.

Há um enfermeiro, que sabe alguma coisa do seu ofício, e é impotente para satisfazer tantas exigências, não tendo medicamentos para acudir aos enfermos. Tem, como seus ajudantes, dois reclusos, um deles dado pelo próprio médico como tuberculoso em último grau, e o outro é um pobre analfabeto, que tóda a sua vida foi apenas guarda-cabras.

Terminamos hoje por aqui, não deixando de indicar aqueles que tenham muita vontade de morrer que vão estar algures na Penitenciária de Coimbra, escusando, pois, de se utilizar de qualquer outro instrumento de morte. — Um camarada leitor.

EM SINTRA

### Comerciante caloteiro

Sob este título publicámos há dias uma correspondência de Sintra, em que o sr. Manuel Pereira Pinto era acusado de não ter pago, a um descarregador chamado Souza, uns salários que lhe devia.

Desse senhor recebemos agora uma carta em que nos diz não ser isso verdade, pois que nada deve ao citado descarregador.

### O sonho dos nacionalistas alemães

VIENNA, 31.—O comício a favor da União da Áustria à Alemanha obteve um medíocre êxito, pois apenas 3.000 pessoas ovaram o discurso de Loeb, presidente do Reichstag, e que veio especialmente de Berlim, convidado a tomar parte na campanha dos nacionalistas alemães.

### Fracassou a feira de Leipzig

BERLIM, 31.—Os viajantes que regressam de Leipzig anunciam que a feira do Outono constitui um fracasso quase completo.

É muito diminuto o número de estrangeiros que a têm visitado e a cifra dos negócios realizados não deve ultrapassar um modesto nível, em consequência da crise económica mundial.

### O Congresso Reformista em França repudiou a união com os comunistas

PARIS, 31.—O congresso da C. G. T. rejeitou uma proposta para que, numa reunião mista, se discutisse as possibilidades de uma fusão com os comunistas.

### ACREDITA:

Naquele geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico se têm um intuito poderoso

A  
NUCLEO  
CALCINA  
TÓNICO ENÉRGICO  
E SCIENTÍFICO

Usado pes. diariamente  
pelos nossos primeiros  
médicos

Superior a todas as similares nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA FARMACÊUTICA FORTUNOSO  
Dr. dos Restauradores, 18 LISBOA

A cura das doenças pelas Plantas

edição - Preço 2500, pelo correio 2550  
Pedidos à administração de A Batalha

## Uma perseguição injusta

Em Palma da Cima pretendeu-se linchar uma mulher por um motivo infundado

Há pouco morreu o operário da construção civil, José Fernandes Figueiredo, que morava na travessa de Palma da Cima, 8, deixando viúva e dois filhos; um destes últimos e outro com 14 anos chamado José, de uma mulher com quem antes vivera, e que já morreu, com a qual vivera casado do Brasil, de onde o rapaz, como os pais, é natural.

O José, que já quando o pai era vivo, andava a trabalhar como aprendiz de pintor, era avesso ao trabalho, depois da sua morte, deixou por completo de trabalhar. A madrasta, que ficou totalmente desprovida de manter-se e aos rapazes, apocentou-se com o facto e foi aconselhar-se.

A pessoa com quem se consultou denunciou o rapaz — visto que o José é estrangeiro, não sendo filho dela e devendo ter família no Brasil — que se entendesse com o cónsul daquele país.

Assim fez a viúva de José Fernandes Figueiredo.

Como o consul do Brasil a não atendesse a procurar a pessoa que a tinha aconselhado. Esta, comunicou o caso para o governo civil de onde saiu ordem de catorze para o José, o qual está presentemente detido para ser entregue as autoridades brasileiras.

Porém, em Palma espalhou-se o boato de que a viúva do Figueiredo mandara prender o rapaz, acusando-o de furto, o que não é verdade, porquanto só as dificuldades da sua vida a fizeram a reenviar para a sua verdadeira família um indivíduo que lhe era um empeço.

Mas o boato não se compadeceu da sua situação, e as mulheres do sítio, supondo que ela acusava realmente o rapaz de furto, fizem-lhe uma impiedosa montaria, chegando mesmo a agarrá-la e coneter contra ela várias tropelias, pouco faltando para a linchar.

A tal ponto chegou tão injustificada suspeição que a viúva do Figueiredo não pôde reencontrar em sua casa.

Como lamentável resultado daquele falso boato acontece que muitas pessoas, que tencionavam auxiliá-la num benefício que era promovido para seu marido, e por morte deste passou justamente a ser-lhe destinado, desistindo de prestar-lhe o auxílio de que tanto carece e que ainda não desmereceu.

Mas é de esperar que a atmosfera de hostilidade que contra ela se formou, depressa se desfaça e a verdade se restabeleça.

### Atropelamentos

No banco do hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, Antônio Daniel, de 45 anos, residente na Ascenção Grande, ao Lumiar, que, perto da residência, foi atropelado por uma bicicleta, ficando com a clavicula esquerda fracturada.

— Na sala de observações do hospital de São José, deu entrada em estado grave, João de Jesus, de 8 anos, filho de pais ciganos, natural de São José, rua Vasco da Gama, 51, que foi atropelado pelo automóvel S 2365 na rua Vitorino Damasio, ficando muito ferido na cabeça e com várias escoriações e contusões pelo corpo.

### Novidades literárias

#### CAVALGADA DO SONHO

##### — DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8500

A venda em todas as livrarias. — Pequeno à secção de Livraria de A Batalha

### COMEÇA HOJE

#### no Arsenal da Marinha

#### o julgamento dos implicados no

#### movimento de 18 de abril

Começa hoje o julgamento dos oficiais, sargentos e civis que tiveram parte no movimento revolucionário de 18 de Abril.

O julgamento efectua-se na sala do Risco do Arsenal da Marinha, onde respondem 66 oficiais, 57 sargentos e 41 civis. Depõem como testemunhas, 300 pessoas, entre elas grande número de generais, antigos ministros, chefes de vários partidos políticos, etc. Preside ao julgamento o general Ilharco. Desempenha as funções de promotor de justiça o general Carmona.

Para sargentos e civis, há uma fila de cadeiras, para sargentos e civis, um comprido banco, para testemunhas que sejam oficiais, outra fila de cadeiras. Depois, para traz seguir-se uma extensa fila de bancos, reservados ao público que deseje assistir às sessões.

A sala tem lugar para mil e quinhentas pessoas. A entrada, excepto aos jurados, imprensa e membros do tribunal, é feita pela porta da sala do Risco, e para o público, pelo portão do Arsenal. A guarda de honra ao tribunal é feita por 90 praças da guarda republicana sob o comando dum capitão.

Em frente, sob um estrado, duas secretarias, sendo uma para o presidente do tribunal e outra para o juiz dr. sr. Almeida Ribeiro. A direita, uma secretaria para o promotor, seguindo-se depois três secretarias para os defensores, srs. major Tanguinhos Barbosa e capitão Cunha Leal e dezenas oficiais; à esquerda, um estrado com compridas mesas para os jurados, seguindo-se outra destinada aos representantes da imprensa.

### Mais uma mina de petrólio

PARIS, 31.—Pesquisas feitas por conta do Estado, descobriram na região de Gabiara Herault novos jazigos de petrólio. Numa hora foram extraídas duas toneladas.

### TEATRO APOLÓ

Empresa Luis Ruaas, Limitada

HOJE, 1 Telef. II. 4129

o sensacional drama

### O Conde de Monte Cristo

Nos principais papéis: Ilda Stichini e Rafael Marques

## O estado lastimoso das estradas

### Realizaram-se no domingo dois imparantes comícios na Lourinhã e no Bombarral

No Bombarral e na Lourinhã realizaram-se no domingo passado dois imparantes comícios muito concorridos para tratar da reparação das estradas daquele concelho que encontram num estado lastimoso.

No comício do Bombarral foi aprovado um relatório que tinha as seguintes conclusões:

1.º Entregar a reparação das estradas às Camaras Municipais;

2.º A dotação deve ser feita pelos concelhos e entregues as verbas aos municípios;

3.º Deve ser entregue anualmente às Camaras Municipais o rendimento do imposto de Viação e Turismo em cada concelho;

4.º Deve ser posto à disposição das mesmas Camaras o pessoal técnico e especializado e todo o material que se relacione com estradas;

5.º Deve ser executado o que se require com a menor perda de tempo;

6.º Deve nomear-se uma comissão para efectivar estas e outras resoluções tomadas neste comício e composta pelos srs. presidente da Câmara Municipal do Bombarral, Associação Comercial do Bombarral, Sindicato Agrícola do Bombarral, Caixa de Crédito Agrícola do Bombarral, Associação dos Bombeiros Voluntários do Bombarral, Sport Club Escola Bombarralense, Centro João Chagas e presidentes de todas as juntas da freguesia do concelho.

Outro comício na Lourinhã

Na Lourinhã, também a fim de reclamar provisões para o mau estado em que as estradas se encontram, pois ameaçam tornar-se intransitáveis no próximo inverno, realizou-se um concorridíssimo comício.

Foi enviado o seguinte telegrama ao ministro do Comércio:

«O povo do concelho da Lourinhã, reuniu em comício, reconhecendo o interesse de V. Ex.º sempre tem tomado por todos os assuntos de ordem económica, lamenta, profundamente desgostoso, a situação, sem semelhança em qualquer tempo, a que deixaram chegar todas as suas estradas, ameaçadas todos de se tornarem absolutamente intransitáveis no próximo inverno, e reclama as necessárias e rápidas provisões para que não se dê tal desastre, cujas graves consequências facilmente por todos devem ser reconhecidas.»

Aprovou-se também por unanimidade uma proposta do seguinte teor:

«Proponho que se nomeie uma comissão podendo agregar a si os elementos que julgue necessários para tratar, junto dos poderes públicos, de conseguir os fundos necessários destinados a reparação das estradas mais importantes e, em especial, a mais utilizada para a drenagem dos produtos do concelho para a vila férrea. Que esta comissão de comício público de conta dos seus trabalhos. Que se convide a imprensa da capital a que visite as mesmas estradas por ocasião do referido comício. Que, nesse sentido, se conseguindo pelas «demarches» que vão empregar-se, façamos, dentro do concelho, a propaganda para candidatos das próximas eleições dos cidadãos que ofereçam, pelos compromissos que tomem junto do eleitorado, suficientes garantias para que, no Parlamento, tomem o devido interesse pelos que respeita não só as estradas da Lourinhã, mas a todos os assuntos que se relacionem com o seu desenvolvimento económico agrícola.»

Como se isto não bastasse dois sócios de uma empresa pretendem reduzir o salário a que o pessoal do concelho.

Para apreciar o facto reuniu-se a assembleia geral dos operários, sapateiros antenados.

Abriu a sessão João Ramos condenando a atitude dos industriais aludidos, Constantino Bernardo Palma e João Mota, pois que esta justifica uma redução em salários que já são sapateiros.

Manuel Costa, da comissão de melhoramentos, disse ter esta entrevistado os srs. Constantino e Mata, para os demover da sua intenção, tendo o primeiro ameaçado com o encerramento da oficina se os operários persistissem em manter os actuais salários, e respondendo os operários que já se haviam mudado de opinião sobre o assunto.

Resolviu-se mais fazer sentir aos distribuidores de trabalho que a distribuição deve ser mais equitativa.

A comissão de melhoramentos tomou nota de três desempregados para lhes procurar trabalho, passando-se depois à discussão de outro assunto. —

As duas faces da revolução, por Adolfo de Moraes, com ilustrações de Rocha Vieira.

Actualidades: — O Congresso International Socialista — Máximo Gorki.

As pequenas descobertas práticas, com gravuras.

O Mundo curioso, com gravuras.

As duas faces da revolução, por Adolfo de Moraes, com ilustrações de Rocha Vieira.

Actualidades: — O Congresso International Socialista — Máximo Gorki.

As pequenas descobertas práticas, com gravuras.

O Mundo curioso, com gravuras.

As duas faces da revolução, por Adolfo de Moraes, com ilustrações de Rocha Vieira.

Actualidades: — O Congresso International Socialista — Máximo Gorki.

As pequenas descobertas práticas, com gravuras.

O Mundo curioso, com gravuras.

## MARCO POSTAL

Portimão.—P. D.—Recebida liquidação.  
Gaia.—J. P. Lourenço.—Veio devolvido o jornal para o novo assinante Manuel Eli-  
cio, com a indicação de «desconhecido».

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE SETEMBRO

S.	4	11	18	25	HOJE	DE SOL
S.	12	19	26	Aparece	às 6,05	
D.	13	20	27	Desaparece	às 19,07	
S.	14	21	28			
T.	15	22	29			
Q.	16	23	30			
Q.	17	24				

## MARES DE HOJE

Praiamar às 1,25 e às 1,51  
Baixamar às 6,55 e às 7,21

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	96\$00	96\$50
Madrid cheque	2\$87	
Paris, cheque...	93	
Suíça, "	3887	
Bruxelas cheque	90	
New-York, "	19895	
Amsterdam "	8804	
Itália, cheque...	75	
Brasil, "	2964	
Praga, "	59	
Suécia, cheque	530	
Austria, cheque	281	
Berlim, "	475	

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

São Luis.—A's 21, 28—Campeonato feminino de futebol—Varietades.  
Portalegre.—A's 21, 28—O Leão da Estrela.  
Funchal.—A's 21, 28—O Conde de Monte Cristo.  
Maria Vitoria—A's 21, 28—«Rapatas».  
Casino de Sintra—A's 21, 28—Concerto pelo te-  
nor Lapeirere.  
Juventude—A's 21, 28—Jornadas e A Ciada.  
S. José—A's 20, 26—Varietades.  
A. Ilhéus (à Graça)—A's 20—Animatrófico.  
Estréia Figueira—Jócas as noites—Concertos e il-  
ustrações.

## CINEMAS

Olimpia—Chão de Terra—Salão Central—Cinema  
Côrte—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Pro-  
mocional de Educação Popular—Cine Park—Cine Es-  
planada—Chantier—Tivoli—Tortoise.

## PEDRAS PARA ISQUEIROS

ESTAUNER, as melhores do mundo, 1 milhão, 2300. Por  
quais grandes descontos. Isqueiros  
AUSTRIA E PORTUGAL, tubo lar-  
go, 1000, 1200, 1400, 1600, 1800.  
Tubos fechados e abertos, tam-  
bicos, molas, rodas ócias e massicas.  
Pedidos ao único representante em  
Portugal: E. ESPINOSA, FILHO, —

Rua Arriade, 48, 2.º LISBOA.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta  
de propaganda tem  
deixado lugar a que  
os fabricantes es-  
tão aí a vender limas  
e ferramentas.

MARCAS REGISTADAS

UNIÃO

UNIÃO TOME FETURA, LTD.,

realizam as suas

experiências, pois,

as nossas limas que

encontram a venda em todos os bons estabe-  
lecimentos de ferramentas do país.

REUMATISMO

Sifilítico, Bienorrágico, Gotoso,

Articular, Artrítico, Muscular

“Reumatina”

24 horas depois não tem mais dores

“Reumatina”

E inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00 - - -

“Reumatina”

Vende-se em todas as boas

farmácias e drogarias -

Pó Anti-bienorrágico

E o mais poderoso combatente das bie-  
norragias crónicas e recentes. Resultados  
imediatos e comprovados pelo distinto mé-  
dico operador dr. cr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

A RENOVAÇÃO VENDE-SE EM TODAS

AS TABACARIAS

durante a noite. No dia seguinte, os ingleses vergonhosos da sua derrota, voltaram a cargo; a mulher do Grande-Ferreiro, corre e exclama:

— Meu pobre homem, eis ai os ingleses!

— Ah! que saleteadores! eles julgam apanhar-me porque estou doente, portém não me apanham ainda!

É, esquecendo o seu mal, levanta-se semi-nú, toma o seu machado, encosta-se a um muro, mata cinco ingleses, e os outros fogem. O Grande-Ferreiro, deixa-se sobre a palha, cansado da luta, bebe ainda água fria e assim morre, lamentado por todos os seus amigos da aldeia.

Filhos de Joel, conservavam uma piedosa lembrança de Guilherme das Cotoias e do Grande-Ferreiro; estes nomes rústicos dos nossos anais plebeus atravessaram os séculos, e serão mais caros aos nossos descendentes do que os nomes de tantos reis, crucis e despotas, que só lhes serão odiosos.

Os valerosos campões Guilherme das Cotoias e o Grande-Ferreiro, são os precursores da heroica filha do povo, da pobre pastora de Domrémy, de Joana a Donzela, que, setenta anos depois, expulsara os ingleses da Gália, invadida desde a batalha de Poitiers, vergonha eterna dos nobres cavaleiros. Mas, ah! a pensar de todos os rasgos de bravura de Jacques Bonhomme, os ingleses continuaram ainda por muito tempo a devastar as Gálias.

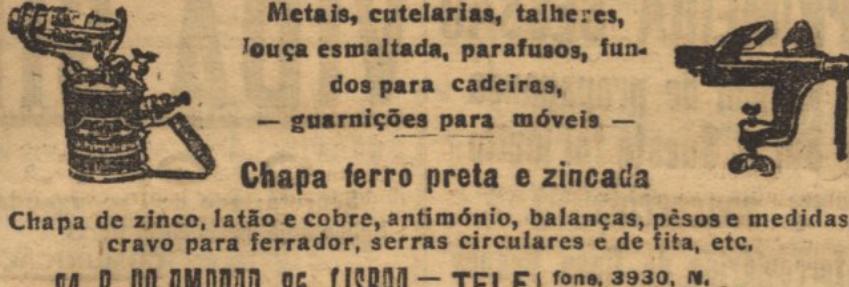
O rei de Navarra, temendo a vingança do regente, que havia entrado na sua capital depois da morte de Marcel, e do suplício dos seus amigos, batia os campos. Senhor d'Etampes e de Corbeil, fazia parar a navegação do Sena, os cereais não entravam em Paris, e tal era a carestia dos géneros que o trigo custava trinta libras o alqueire. Os ingleses e os navarreiros devastavam o país, e incendiavam aldeias e vilas.

Eduardo, rei de Inglaterra, desembarca em Calais em 1360, a freno dum considerável exército; aproxima-se de Paris, incendia os arrabaldes de São Germano, de São-Marcelo, e de N. S.º dos Campos; o regente espantado assina a paz com a Inglaterra, no 1.º de Maio

## Valério, Gópes &amp; Ferreira, L.º

## FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,  
louça esmaltada, parafusos, fun-  
dos para cadeiras,  
— guarnições para móveis —



84, R. DO BEMBRO, 86—LISBOA — TELE

fone, 3930, N.º 1.º gramas, FERRAGENS 13

## CALÇADO BARATO

SÓ VENDE

o

CANDEIAS

Intendente

Calçado Homem

Botas de vela branca... 50\$00

Botas de vela branca de 1.º tra... 55\$00

Botas cal preto... 55\$00

Botas cal preto de 1.º tra... 55\$00

Botas cal preto fórmamoderna... 52\$00

Botas cal mo... 50\$00

</div

## Alguns aspectos dos problemas económicos e sindicais da Rússia Soviética

Propositalmente, quer na imprensa russófila, quer na imprensa burguesa, tem-se deturpado a crítica que por vzees fazemos ao que na Rússia se passa, dando-se a impressão de que somos contra a revolução que se produziu no país dos soviéticos. Porque vibrámos quando em Outubro de 1917 o povo russo, num gesto ciclopico, quebrou a ferrea opressão secular dos tzars,

Em novembro de 1924 realizou-se o 6.º Congresso dos sindicatos da U. R. S. S. Este revestia uma excepcional importância, especialmente por se tratar em primeiro lugar da Delegação fraterna das "Trade Unions" inglesas, que ocupava os assentos de honra, seguindo-se a questão de novas direcções que os chefes da C. G. T. russa iam dar aos sindicatos.

No seu conjunto o Congresso não fazia mais do que repetir, como um papagaio bem ensinado, a lição inoculada por um Congresso anterior—o do Partido Comunista Russo que, por sua vez, não admite oposição nem discussão.

E' nos pequenos detalhes, onde, por vezes, se descobrem os momentos característicos da verdadeira situação da classe operária russa. Hoje, aqui daremos a conhecer alguns deles.

### Composição do 6.º Congresso (I)

O Congresso estava composto por 1.055 delegados, 858 dos quais tinham voto deliberativo e 197 consultivo. Esses 1.055 delegados representavam 6.367.300 membros.

Como se dá o caso de não existirem na Rússia sindicatos autónomos, nem outros mais do que os que adiram ao Conselho Central dos Sindicatos da União, e que o facto de um trabalhador não ingressar no sindicato lhe acarreta uma série grande de todo o gênero de vexames e medidas repressivas, de ordem económica e até política, pode considerar-se o número de 6.367.300 como cifra representativa actualmente dum total em que não só entram os trabalhadores sindicados, como também os operários e empregados em geral. Deste número 778.303 ou 12,010 são empregados das diversas instituições soviéticas e outras, sendo, deste modo, o sindicato dos empregados o mais forte, depois do dos ferroviários, que comporta 805.200 membros e é numericamente o mais forte. Havia não esquecer, porém, que, devido à dessimilação industrial dos sindicatos, todos os empregados dos organismos soviéticos, de ordem industrial, são considerados, simultaneamente, componentes da respectiva indústria em que laboram. Desta forma não há a menor dúvida de que o número de empregados e funcionários excede um milhão, o que dá 16,010 a menos de toda a população operária da Rússia.

Quando apreciamos melhor a representação das massas operárias no Congresso achamos uma manifestação ainda mais interessante: Dos 1.055 delegados, 688 são presidentes de sindicatos. Em outros termos: mais de 65,010 dos delegados são funcionários sindicais e ocupam o lugar mais preponderante no seu sindicato. Tendo-se em conta a relativa passividade da grande massa dos sindicatos, compreende-se a passividade com que contam os presidentes dos sindicatos para se fazerem eleger delegados aos congressos.

Além dos presidentes, há um bom número de delegados entre secretários de sindicatos, presidentes de comitês de fábricas, membros dos executivos locais, etc. Subdividindo os delegados em três grupos distintos, obtemos o quadro seguinte:

Presidentes de sindicatos, presidentes de comitês de fábricas, secretários de sindicatos, membros de executivos, chefes de departamentos de indústria	Delegados ambulantes, instrutores sindicais, militantes militantes em exercício de cargos noutras organizações	Membros de sindicatos sem nenhum cargo
1.001 94,8 % do total	47 4,6 %	7 0,6 %

Resulta, pois, que de 1.055 delegados, só sete foram eleitos nos locais de trabalho; todos os restantes ou são funcionários ou delegados permanentes.

Quanto ao carácter político do Congresso, os números indicam expressivamente, até que extremo a garra da ditadura do proletariado tem sido apertada e estrangulado tóda a possibilidade de expressão independente. Dos 1.055 delegados, 1.042 eram comunistas (98,8 %) e 13 sem-partido! O terror da tscheka tem feito tâba de raça de qualquer outra ideologia que não seja a reconhecida pelo Estado bolchevista.

### Contas e finanças

A questão basilar do trabalho sindical—escreve M. Guéguetchkori, em um artigo sobre finanças sindicais no 6.º Congresso dos Sindicatos Pan-russos—tem sido a *cotação individual*. Tendo recusado o apoio governamental, os sindicatos vieram-se forçados a considerar a cotação dos seus componentes como a única fonte da sua existência.

Hoje, pela primeira vez, é-nos dado conhecer oficialmente que antes da introdução da cotação individual, os sindicatos viviam bem e à vontade no orçamento geral do Estado. Quantas vezes nós já o dissemos e quantas outras tantas os desmentidos formais—tão embusteiros como formais—nos diziam o contrário. Agora que o governo bolchevista, obrigado a seguir a vertente da N. E. P., fechou os seus cofres aos sindicatos «compreende-se a grande importância da cotação individual». «Agindo a sua cotação consciente e voluntariamente—diz-nos Guéguetchkori (2)—o sindicato quer igualmente saber para onde vão os seus dinheiros.

Em verdade, não pode estar satisfeito com o facto, frequentemente registado nos últimos tempos, de a maior parte dos fundos sindicais serem invertidos para manutenção dos funcionários. De facto, é bem notório, que os gastos puramente burocráticos dos sindicatos—salários do pessoal permanente, papel, etc.—ultrapassa as maiores das vezes metade da soma das cotisações. Não há, pois, que admirar, se os sindicatos se descontentam...

### Má administração dos fundos sindicais

O método que consiste em *tiquidá* o que fica no cofre sindical para remuneração do inúmero pessoal existente em cada sindicato, tornou uma velocidade de proporções gigantescas.

Eis aqui algumas resenhas estatísticas recolhidas em periódicos oficiais:

Sindicato dos metais	Prendas por trimestre	2.º trim.	3.º trim.	4.º trim.
Regionais	240	2.262,39	5.514,51	
Leninigrado	1.072,43	553,55	7.757,98	
Moscóvia	—	3.049,41	3.364,75	
Total	1.312,42	5.865,35	16.637,24	
Soma global no ano	23.815,42			

«Como acaba de ver-se—diz S. Boudnik (3)—as depredações do 3.º trimestre são cinco vezes mais consideráveis que as do 4.º trimestre e catorze vezes mais ainda que as do 2.º trimestre.»

(3) L. Magazin: «Composição do VI Congresso dos Sindicatos da U. A. S. S.», «Vestnik Fronda» (O Mensageiro do Trabalho), órgão mensal do Conselho Central dos Sindicatos da União, Janeiro de 1927, p. 73.

(4) «Vestnik Fronda», p. 154.

(5) Loc. cit., p. 159.

proclamando a liberdade, não podemos deixar de discordar da orientação autoritária e despotica a que aquele povo se vê sujeito pelos desviadores da sua revolução e sob a férula dum regime que falsamente se denomina de «ditadura do proletariado».

Pelo artigo que hoje inserimos se prova à saciedade, que a liberdade do proletariado russo nada mais é do que uma físcão.

Sindicato dos Couros e Peles—Sindicato do distrito de Tver: o secretário gastou os fundos do Sindicato, será julgado. Sindicato do Ural: o secretário do comitê local, Goutcharoff, gastou em necessidades pessoais 68 rublos pertencentes ao Comitê de Fábricas—Leninigrado: o representante do Sindicato numa das oficinas gastou 290,62 rublos de cotizações—Sindicato do departamento do Tver: o tesoureiro Olisoff não deu contas de mais de 5 rublos dos 531,07, que deviam encontrar-se no cofre. Um correspondente sindical em Tula refere que os fundos sindicais se esbanjam em orgias. Em Tambou: o secretário do comitê de fábricas, Pavlov, fugiu depois de se apropriar de 29 rublos do cofre sindical. Em Moscova: a comissão sindical de revisão descobriu um déficit de 556,12 rublos na fábrica «Chorko». Outro correspondente sindical do distrito escreve que a apropriação dos fundos sindicais assumiu um caráter epidémico. (4).

Informe de um correspondente sindical:

«O presidente do comitê da fábrica «Tzentrópozad» de Jarkoff um tal Katz, apropriou-se de 600 rublos de fundos sindicais, gastando-os em orgias crupulescas» (5).

«O presidente do comitê de fábrica de Jaroslav, apropriou-se de perto de 1.500 rublos» (6).

«Em Tula, 4.500 rublos foram subtraídos do cofre sindical pelo presidente do sindicato, Korneev, pelo presidente do comitê de fábrica n.º 4, Batourine, e pelo presidente do comitê das fábricas de armiços Tituchine. Esse dinheiro foi dissipado em orgias» (7).

**Sindicatos diversos**—Foram descobertos, em 1924, desvios de cotizações sindicais na manufactura de tabaco de Kostroma, no sindicato departamental de aprovisionamento nacional de Omsk no sindicato departamental dos operários das fábricas químicas de Donetz e na oficina sindical do distrito de Maikop. Existem casos de distração de fundos sindicais nos comitês locais do sindicato dos empregados das instruções soviéticas, etc., etc. (8).

### Salário e trabalho por peça

Salários mensais em Leninigrado (9) nas fábricas de couro (rublos ouro):

Nome da fábrica	Setembro 1924	Dezembro 1924	Aumento + Diminuição
Skorodaj	73,80	66,63	- 9,8 %
Radichtchoff	73,96	66,25	- 10,5 %
Marxista	66,87	73,74	+ 10,27 %
Komintern	66,82	53,25	- 20,3 %
Bebel	70,24	60,40	- 5,4 %

Estes salários estão muito *por baixo* do mínimo necessário, em face da carestia dos víveres e matérias primas. A diminuição dos salários no período de Setembro a Dezembro, explica-se sobretudo pelo facto de que foi precisamente nesse período que o governo russo, de acordo com o Conselho dos Sindicatos, introduziu o sistema de pagamento por peça. Este sistema, detestado sempre pelo movimento operário mundial, e que se considera ser o sistema de exploração por exceléncia, foi introduzido pelos bolchevistas russos com o fim de intensificar a produtividade do trabalho. Eis aqui os resultados obtidos na indústria dos Couros e Peles:

### Influência do trabalho por peça sobre a produtividade e salários (Moscovo)

Nome da fábrica	Produção	Consumo
Troujetnik	130,9 %	119 %
Charko	95,5 %	99,2 %
Zomlyatuka	143 %	97,2 %
Trosekourovsky	110,2 %	86,6 %
Krazny Postanchetik	216,7 %	114,5 %
Krazny Kajennik	137,4 %	114,5 %

Calçado:

Comune de Paris

113,9 %

101,7 %

Banrevztnik

154,4 %

127,6 %

Krazny Ohounchetik

120,3 %

212,8 %

Chkola

115,1 %

91,4 %

Como se vê, esse sistema «sudorífico» aumentou a produtividade ao mesmo tempo que diminuiu os salários: em todos—à exceção de um só—e *absolutamente* em quasi metade dos casos.

Tudo para o Estado Proletário, inclusivamente a saúde e a vida dos trabalhadores—tal é a nova divisa dos cidadilhos que se puseram à frente da classe operária russa.

Os estados burgueses não têm mais do que imitá-lo e pô-lo em prática para o maior bem do proletariado.

### Os contratos colectivos

A partir da introdução da N. E. P., (Nova Política Económica de Lenin), os sindicatos elaboraram modelos de contratos a firmar entre operários e patrões (o Estado). Esses contratos eram geralmente elaborados e firmados pelas centrais sindicais das indústrias. O 6.º Congresso dos Sindicatos da União compreendeu, finalmente que havia certos limites ainda para a mesma.

Com efeito, decidiu que «com o fim de introduzir uma relação directa entre o aumento da produtividade do trabalho e as flutuações dos salários, considerava-se necessário que se introduzisse uma descentralização dos contratos, mediante a limitação do sistema de contratos gerais inter-sindicais».

Mais ainda: os operários não tinham, até aqui, nenhuma participação directa na elaboração desses contratos. Surge agora o remédio: pelo menos, no papel, o Congresso resolveu que «a fim de garantir com êxito a realização dos contratos colectivos e de os usar com maior frequência a título educativo, é preciso que os contratos colectivos anteriores à sua aceitação, sejam de antemão discutidos a fundo, em assembleias gerais...». Com este mesmo fim, o Congresso considera necessário que se continue o trabalho de simplificação dos trabalhos colectivos de modo que sejam facilmente compreensíveis para os operários.

### O que é a política?

Eis aqui o texto dumas das resoluções do 6.º Congresso:

«Os problemas políticos da classe operária exigem, a fim de reforçar a união com os camponeses, a redução, ainda mais acentuada dos preços dos produtos industriais...»

Parce que não está nos objectivos da economia nacional que os preços sejam reduzidos...

Alejandro SCHAPIRO

(Dos Tiempos Nuevos)

(1) «Metalist», órgão central da Federação Russa dos Metais, n.º 9, 21/25 Março 1925.

(2) Y. Lévine: «A Voz dos Trabalhadores dos Couros e Peles», Moscova, n.º 5 (11), 18 Fevereiro 1925.

(3) «A Voz dos Trabalhadores dos Couros e Peles», n.º 6, 15 de Março 1925, p. 6.

(4) I.